

MOVIMENTOS SOCIAIS



Esta seção trata da Caravana Lula pelo Brasil. Nenhum afeto real é raso e há uma profunda racionalidade que orienta a aprovação de Lula e do PT no Nordeste brasileiro. A dimensão dos movimentos do povo pode vencer o golpe, e o povo nordestino tem muito a nos ensinar.

A CARAVANA DE LULA E OS MOVIMENTOS SOCIAIS

Na cena típica dos sertões, tão bem narrados por Euclides da Cunha, milhares de Fabianos e Sinhás Vitórias já não precisam fugir mais. As crianças já possuem nomes, usam celulares, conhecem luz elétrica, internet, televisão e tomam água gelada para aliviar o calor.

O ciclo de miséria narrado naquela obra angustiante parece ter sido rompido. Não foram raros os momentos em que, confrontadas com a memória da fome, as pessoas se benziam, num silêncio devastador. Nossas cenas e histórias são tantas que merecem uma obra própria. Existe um novo Brasil no Nordeste, e o povo de lá sabe disso.

Como bons brasileiros, mostram suas emoções, contam suas histórias e deixam transparecer muito afeto por Lula. Alguns analistas de ar condicionado chamariam isso de populismo. No entanto, qualquer caminhada, em todos os estados que passamos, mostra que as pessoas possuem total consciência do que aconteceu por lá, do que acontece no país e das nossas necessidades de futuro.

Sobre o que aconteceu, há uma dimensão estrutural

que passa pela eliminação da fome, pelas transferências diretas de renda e pela geração de alternativas produtivas. Não há nordestino que passou incólume pelos governos do PT. Guardam a consciência de que aqueles foram os melhores períodos das suas vidas. E mais, a consciência do que aconteceu, gera, hoje, uma percepção crítica e severa com relação ao golpe.

Não chamam Michel Temer de golpista. Chamam de diabo. O diabo, que está em todo lugar no grande sertão de Guimarães Rosa, tem pauta, tem lado, e não é o lado daquele povo. Mais uma vez racional.

O que essa racionalidade tem a dizer? Na nossa hipótese, há um Brasil em movimento, em etapas de construções de identidade e autonomia muito heterogêneas, que ainda vão se debater e conflitar bastante com as realidades cotidianas.

No Nordeste, são centenas de gerações com lata d'água na cabeça e no máximo três gerações com cisterna no quintal. Os Fabianos envelheceram, precisaram fazer cirurgia de catarata, e hoje se emocionam ao ver Lula passar por eles. As crianças que ganharam

nome já estão falando em faculdade, em dar uma dignidade para o descanso dos pais, em assumir os seus próprios futuros.

Garantias democráticas

Seria muita ingenuidade pensar que tanta transformação não carregaria suas contradições. Que não geraria uma nova estratégia para aqueles que não querem ver o povo ganhando as suas oportunidades e novas capacidades.

Os grandes centros urbanos brasileiros não se movimentam como o sertão. O interior dos estados mais ao sul do Brasil pensam também de outra forma. Não podemos cravar quais são essas formas, mas podemos afirmar que elas são diferentes.

O Brasil das múltiplas faces, da diversidade, das identidades locais e dos níveis de desigualdade não vai suportar um discurso totalizante. O Brasil que o povo quer são muitos.

Nessa lógica de análise de movimentos sociais, percebemos uma questão que se desenvolveu ao longo dos meses: de qual movimento e de qual sociedade estamos falando?

Nesse mês, podemos falar das censuras às expressões artísticas da diversidade. Podemos falar da liberdade de Rafael Braga. De mais um massacre no campo. Do “fora Temer” no Rock in Rio. Das mobilizações em torno da Amazônia. Da Caravana de Lula pelo Brasil. Da ocupação “Povo sem Medo” no ABC paulista. De mais uma manifestação em defesa de Lula em Curitiba. Da mobilização da CUT em torno da anulação da reforma trabalhista.

São tantas pulsações, em diferentes frequências e com diferentes motivações, que fica quase impossível destacarmos um único movimento. Ou delinear uma tendência clara. Podemos dizer que a luta de classes está em franco andamento. E que 2018 será um marco desse processo histórico.

Um processo que ganhará a dimensão da consciência histórica de seus próprios interlocutores. A manifestação popular não é única, e num contexto de golpe ela fica ainda mais importante: as eleições de

2018 precisam ser garantidas no maior ambiente democrático, e a participação de Lula será a maior medida desse ambiente.

Isso porque Lula e o PT são um elemento comum às indignações do Brasil. Tanto a favor quanto contra. A garantia do PT em condições reais de disputa democrática é a própria garantia da democracia hoje.

A inteligência histórica desse processo talvez precise se sobrepor às tensões do cotidiano para nos fazer entender quais serão os passos dados em direção do povo. Lula parece ser a grande prova dessa inteligência histórica. Nesse sentido, os valores do povo do Nordeste que nos encontrou na caravana apontam para a mesma consciência representada por Lula nesse processo.

A luta e a vontade popular

As pautas históricas dos movimentos sociais possuem muita atualidade. O grau de insatisfação social das pessoas também é bastante claro. No entanto, nossa etapa histórica aponta para uma polarização de pautas e temas de indignação, nebulizadas pela grande mídia que segue sua “cruzada contra a corrupção”, como se ela fosse o único inimigo nacional.

Esse é o cenário do caos, da confusão histórica criada para “gerar um fato novo” como se a novidade fosse um valor em sua essência. Não é. Assim, precisamos aprender com a racionalidade do povo nordestino que encontramos na caravana.

Primeiro porque sabem quais são os elementos fundamentais que geram as condições mínimas de subsistência e dignidade. Segundo porque sabem quais são os próximos passos em direção a um futuro com mais qualidade de vida e estabilidade. Terceiro porque reconhecem quem foi o autor da obra que eles mais leram em suas vidas, a da transformação social. Quarto porque entendem a conexão dessa obra com o golpe e a perseguição instaladas no Brasil. Quinto porque já manifestam o que querem outra vez.

Quem tiver ouvidos para ouvir, que ouça.